

Cidade de Deus Z: apocalipse zumbi e crítica social

Autor: Waldson Gomes de Souza (Mestrando – Universidade de Brasília)

Orientadora: Regina Dalcastagnè

Introdução

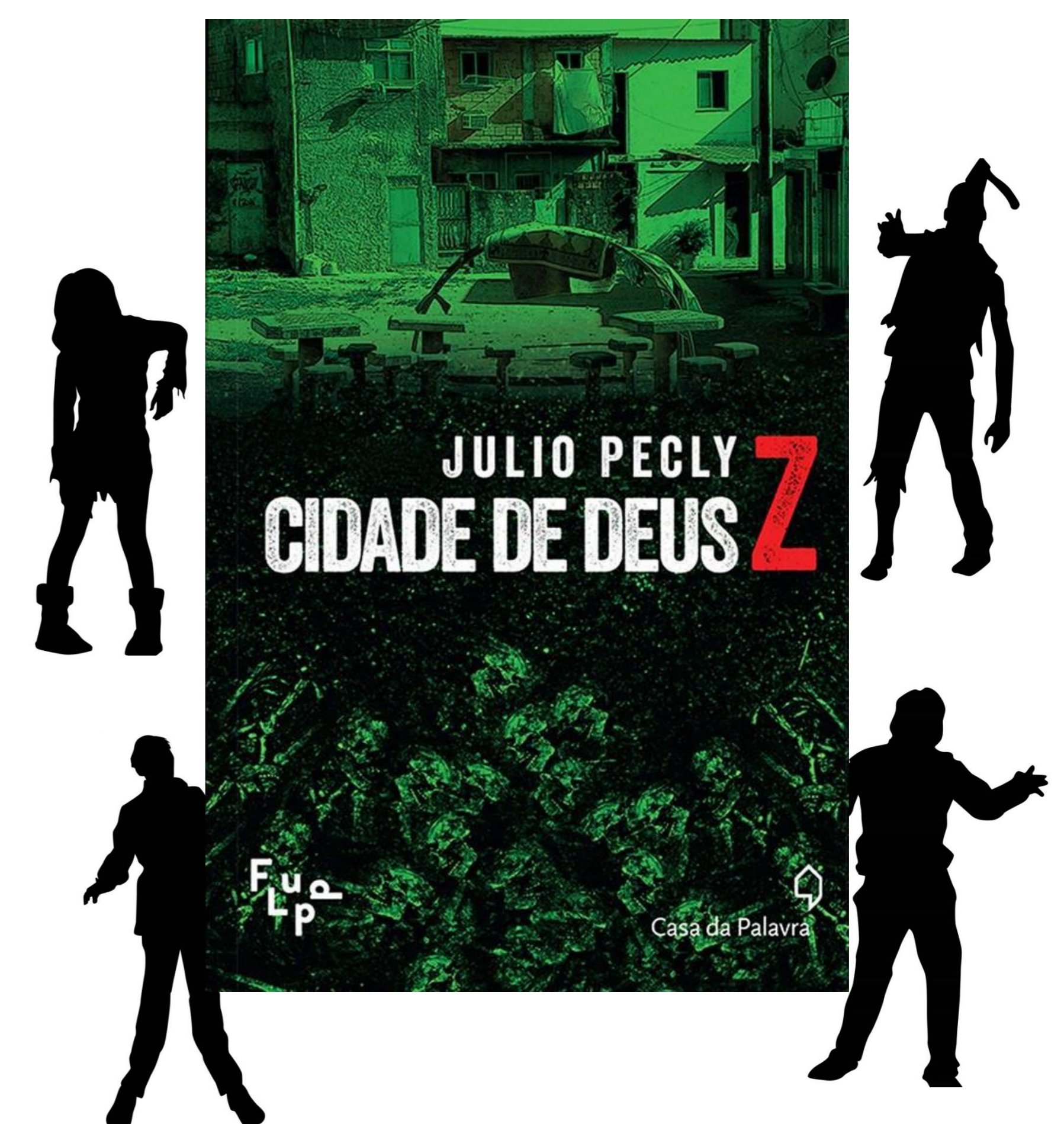
A cultura popular moldou nossa noção de zumbis com parâmetros que se afastaram do conceito original surgido da cultura de escravizados haitianos. A partir do século XX, as representações dos mortos-vivos se aproximaram mais da ficção científica com explicações pautadas em vírus, epidemias, testes em laboratórios, acidentes biológicos, radiação. Caracterizando uma ameaça constante tanto pelo risco físico do contágio quanto pelos danos causados nas estruturas sociais. Produções com essas narrativas já abordaram temas mais amplos como infestações resultando em destruição global. E também assumiram aspectos mais individuais e emocionais ao focar em dramas de pessoas comuns em situações adversas. Resumindo, sociedades desmoronando e questionamentos sobre o que é ser humano.



Elemento sobrenatural, problema real

Cidade de Deus Z, de Julio Peclý, destaca-se em relação a outras obras sobre apocalipse zumbi por causa de sua temática principal: o vírus se desenvolve a partir de um lote estragado de crack, contaminando e mudando o comportamento dos usuários da droga. O resultado é um apocalipse dentro dos limites da Cidade de Deus, em um Rio de Janeiro contemporâneo ao nosso. Vemos o bairro sendo sitiado enquanto o governo aproveita para antecipar a instalação de uma UPP (Unidade de Polícia Pacificadora) e com isso liquidar todos os zumbis e qualquer outra pessoa que cruze o caminho do Bope. Nesse contexto, acompanhamos um grupo de pessoas tentando sair da favela em meio a uma ameaça dupla: zumbis e extermínio por parte da polícia.

Os estudos de Carl Hart sobre o crack e suas consequências foram importantes na análise do romance. O autor diz que “o crack foi absorvido em uma narrativa de raça e patologia. Enquanto a cocaína em pó chegou a ser considerada um símbolo de luxo e associada aos brancos, o crack foi retratado como causador de efeitos exclusivamente viciantes, imprevisíveis e mortais e foi, essencialmente, associado aos negros.” (HART, 2015, p. 2) Hart desenvolve uma perspectiva que desmitifica ideias cristalizadas sobre o crack e defende que a “guerra às drogas”, além de ser um fracasso, perpetua a discriminação racial e mantém a exclusão social e econômica.



Conclusão

Cidade de Deus Z utiliza a ficção científica para fazer críticas a um problema social. Zumbis gerados por causa do uso de crack não é uma analogia distante da realidade, os usuários dessa substância são popularmente comparados com mortos-vivos. No romance de Peclý, essas pessoas se tornam zumbis de verdade, cujo foco não é comer cérebros ou carne humana, mas conseguir mais droga, seja atacando outras pessoas ou roubando casas para vender eletrodomésticos. O contágio funciona como justificativa para o governo combater a infestação de forma extremamente violenta, sem sequer tentar estudar o vírus para saber como ele age nos hospedeiros. Peclý critica o tratamento que os usuários de crack recebem do governo e da polícia, mostrando que essas pessoas não precisam se transformar em zumbis para serem consideradas menos humanas.

Bibliografia

- CLASEN, Mathias. **The anatomy of the zombie: a bio-psychological look at the undead other. Otherness: Essays & Studies 1.1**, v. 1, n. 1, 2010.
- HART, Carl. Slogans vazios, problemas reais. **Revista internacional de direitos humanos**, v. 12, n. 21, 2015.
- HART, Carl. **Um preço muito alto: a jornada de um neurocientista que desafia nossa visão sobre as drogas**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- PECLY, Julio. **Cidade de Deus Z**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2015.
- WOMACK, Ytasha L. **Afrofuturism: the world of black sci-fi and fantasy culture**. Chicago: Lawrence Hill Books, 2013.